

## ENTREVISTA

# Indústria representa 23,2% do PIB do Rio Grande do Sul

**Caso percentual se confirme, 2022 terá maior crescimento desde 2012**

Patrícia Lima, especial para o JC  
economia@jornaldocomercio.com.br

Os dados mais recentes divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao ano de 2020, mostram que a indústria representa 23,2% do PIB do Rio Grande do Sul. Em relação à participação do setor em 2009 (27,5%), o dado recente revela uma perda de 4,3 pontos percentuais, muito por conta da grave recessão de 2014 a 2016, que impactou fortemente o setor e resultou em diminuição dos investimentos, fechamento de empresas e de empregos. Mesmo assim, a evolução recente mostra uma recuperação, com o percentual de 2020 sendo o maior observado desde 2017, quando a indústria gaúcha atingiu sua menor participação na economia do Estado, com 22,4%. Nesta entrevista, Gilberto Porcello Petry, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiersg), fala sobre o setor.

**Jornal do Comércio - De acordo com dados da CNI recolhidos em 2019, a indústria representa 22,5% do PIB do Estado. Entre 2009 e 2019 ocorreu uma perda de 5 pontos percentuais na participação do setor no PIB. Qual a situação atual do setor?**

**Gilberto Petry** - Vale destacar que o ganho de participação da indústria, justamente no primeiro ano de pandemia, mostra a importância que o setor teve naquele momento de tantas dificuldades e incertezas para a sociedade, pois a indústria não deixou faltar produtos para suprir as necessidades da população. Além disso, segundo nossas estimativas, a participação da indústria no PIB do Rio Grande do Sul estabilizou na passagem de 2020 para 2021, em torno de 23,2%, e deve crescer

em 2022, podendo chegar a 25,3%. Caso esse percentual se confirme, será o maior desde 2012.

**JC - O perfil da indústria gaúcha vem mudando ao longo das décadas – hoje, um terço da indústria gaúcha está concentrado nos setores de construção e alimentos, ainda segundo a CNI. Como tem sido esse movimento?**

**Petry** - Ao olharmos para a última década, percebemos que a estrutura setorial da indústria do Rio Grande do Sul pouco se alterou. O PIB industrial gaúcho é composto pela Indústria de Transformação (69,6%), Construção (17,4%), Serviços Industriais de Utilidade Pública (12,4%) e Indústria Extrativa (0,6%), segundo dados de 2020. De fato, aproximadamente um terço do PIB do setor se concentra na Construção e na Alimentação (16,5%), o segmento mais representativo da Transformação. Contudo, a Indústria de Transformação gaúcha é bastante diversificada, com segmentos relevantes para a economia do Estado e com grande participação na produção nacional, como máquinas e equipamentos, químicos, veículos automotores, produtos de metal, derivados de petróleo e biocombustíveis, couros e calçados, móveis e tabaco.

**JC - Quais setores estão encolhendo? E quais crescem?**

**Petry** - Olhando para os dados de PIB, os segmentos da Indústria de Transformação gaúcha que mais ganharam participação entre 2009 e 2019 foram o de Alimentos (+7,2 pontos percentuais), Máquinas e equipamentos (+1,1), Produtos de metal (+0,4), Derivados de petróleo e biocombustíveis (+1,9) e Celulose e papel (+2,5). Por outro lado, perderam participação as atividades de Veículos automotores (-4,1 pontos percentuais), Químicos (-0,6) e Couros e calçados (-0,4). Cabe mencionar que utilizamos como horizonte final o ano de 2019, pois os dados de 2020 apresentam comportamento atípico em muitos segmentos por causa dos reflexos da pandemia.



LUIZA PRADO/JC

Presidente da Fiersg afirma que perfil exportador do Rio Grande do Sul é uma vantagem sobre outros estados

**JC - O Rio Grande do Sul é responsável por 8% das exportações brasileiras de produtos industrializados, enquanto representamos cerca de 7% do PIB industrial brasileiro (dados da CNI). Como o senhor avalia esses percentuais?**

**Petry** - O Rio Grande do Sul é mais voltado às exportações do que outros estados da Federação. Aproximadamente 19,2% da receita líquida de vendas da Indústria de Transformação são provenientes das exportações. Para termos uma base de comparação, o Brasil apresenta 9,5%. A economia gaúcha, portanto, mostra mais autonomia com relação ao mercado interno quando há condições econômicas adversas. A atividade exportadora mostra propriedades de suavização, isto é, mesmo que internamente as condições econômicas do País não estejam as melhores possíveis, é factível que a produção continue a ser escoada para o mercado externo, tendo menores impactos na indústria e, por consequência, no emprego industrial. Além disso, o

maior contato com o mercado externo permite ganhos de produtividade e competitividade.

**JC - Que desafios o senhor enxerga como os principais ao longo de 2023 e nos próximos anos?**

**Petry** - A retomada da confiança do empresariado é um dos principais pontos para permitir que os investimentos voltem a aumentar. Para que ela retorne a patamares adequados, é necessário que o governo federal empreenda reformas desburocratizantes. E se controlar a inflação, as taxas de juros que oneram o crédito para capital de giro e investimento das empresas podem começar a cair sem pressionar os preços. Isto elevará a confiança.

**JC - Dois gargalos principais atormentaram a indústria gaúcha por muito tempo: a alta carga tributária e as dificuldades logísticas, acentuadas pela distância para o Sudeste do País. Como está este cenário atualmente? Estes seguem sendo dois entraves importantes?**

**Petry** - Diversos problemas restringiram o desempenho da indústria gaúcha ao longo dos últimos anos. O principal deles é de caráter estrutural: a elevada carga tributária, que liderou o ranking de nossa pesquisa Sondagem Industrial em dois terços das 75 edições, sobretudo nos períodos de crescimento, quando limitava o desempenho das empresas frente aos concorrentes internacionais. A falta de demanda foi outro grande entrave, principalmente nas crises econômicas intensas como as de 2008 e 2014-2016. Mais recentemente, com o colapso nas cadeias de suprimento devido à pandemia, a falta e o alto custo de matérias-primas foram entraves, atingindo a indústria gaúcha entre 2020 e 2021. Além desses, a

competição acirrada de mercado, seja a desleal ou com importados, os juros internos elevados e a taxa de câmbio, pela volatilidade ou pela valorização, estiveram ao longo do tempo entre os principais obstáculos. Por fim, vale destacar a escassez da mão de obra qualificada, que limita o desempenho do setor.

**JC - O que o setor apresenta como possíveis soluções para aumentar a participação da indústria no PIB do Estado e do País?**

**Petry** - Uma reforma tributária seria um dos principais pontos de interesse, visto o atual sistema apresentar distorções na alocação dos fatores de produção e sobrecarga de impostos sobre o setor. É importante pontuar, também, que o desequilíbrio fiscal atual, no qual o Estado gasta mais do que arrecada, tem papel deteriorante nas expectativas do empresariado e nas de inflação. Outro fator de vital importância, mas menos ligado à conjuntura, é quanto à infraestrutura, em especial às vias de escoamento das mercadorias e insumos. A maior parte é escoada por via rodoviária e com isso surgem alguns problemas. Uma melhora na infraestrutura, com o intuito de se diminuir os custos logísticos, é indispensável para um bom desenvolvimento sem pressão nas cadeias de preço e para que os produtos da indústria gaúcha se mantenham competitivos em nível nacional e internacional. Por fim, o investimento em educação e qualificação de trabalhadores é fundamental para o crescimento de longo prazo. Nesse sentido, o direcionamento e atuação no Rio Grande do Sul do Serviço Social da Indústria (Sesi-RS) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai-RS) se mostram importantes para suprir lacunas



A Indústria de Transformação gaúcha é diversificada, com segmentos relevantes para a produção nacional